

Bibliografia crítica essencial

1. Revisão crítica

Optou-se, nesta bibliografia selectiva, por escolher livros mais genéricos, abrangentes, sobre mais do que um tema ou país. Todavia, não se podia deixar de referir livros que tratam apenas de um país ou mesmo uma temática específica, ou um autor, que, pela sua capacidade de inovação, de descoberta, de originalidade, constituem marcos históricos ou instrumentos incontornáveis nos estudos literários. Uns foram preteridos por demasiado antigos e/ou por não se encontrarem sequer nas bibliotecas portuguesas (por exemplo, de Albert Gérard) e outros por acharmos que, face à quota estabelecida (vinte livros), teriam forçosamente de ser sacrificados. Trata-se, pois de uma bibliografia bastante selectiva, mas que contempla volumes fundamentais sobre a matéria.

ABDALA JUNIOR, Benjamin – *Literatura, história e política*, São Paulo, Ática, 1989, 199 pp.

Único livro de peregrinação textual pela modernidade das sete literaturas de língua portuguesa, que, como o título indica, reserva à história, política e ideologia o decisivo papel de motores do sentido das suas identidades, específicas caracterizações e modo de funcionamento junto do leitor. Privilegiando os marcantes e diferenciados exemplos de literatura *engagé*, numa perspectiva não limitadora, mostra como, nos diversos países, se foi forjando o apelo literário da utopia.

ABDALA JUNIOR, Benjamin *et al.* – *Les littératures africaines de langue portugaise (actes du colloque international, 1984)*, Paris, Gulbenkian, 1985, 570 pp.

Volume de actas do maior colóquio realizado até hoje. Para além da óbvia diversidade de perspectivas, decorrente de diferenciada proveniência, formação e métodos dos autores das comunicações, ressaltam os contributos de M. Ferreira e A. Margarido, respectivamente sobre o mito hesperitano da literatura cabo-verdiana e a dificuldade das novas literaturas em estruturarem-se na época colonial. A identidade nacional foi versada mais genericamente por B. Abdala Junior, Albert Gérard, Hamilton, Kandjimbo, Lisboa, Margarido e Riaúzova. Escritores mais tratados: Pepetela, Luandino, Craveirinha, Knopfli, Teixeira de Sousa e Manuel Ferreira.

ANDRADE, Mário de – *Antologia temática da poesia africana*, Lisboa, Sá da Costa, 1975 e 1979, 2 vols., 274 + 183 pp.

O mais antigo, persistente e profícuo teorizador africano de língua portuguesa, de um ponto de vista militante. A antologia temática da poesia africana, com seu prefácio de síntese, representa o cúmulo do pensamento do autor. Não contemplando a narrativa, como a anterior (publicada em Argel), tem a vantagem da introdução subliminar e de estar ao alcance do público. Um documento histórico-literário.

ERVEDOSA, Carlos – *Roteiro da literatura angolana*, 3.^a ed., Luanda, UEA, 1985, 165 pp.

A primeira versão, tendo surgido em 1963, deu origem ao livro que, a partir de 1974, *estabilizou* na forma que continua a ser editada, a que o A. apenas modificou substancialmente as páginas finais, relativas à década de 70 e à independência nacional. Modestamente, o A. chamou-

-lhe *Roteiro*, mas continua a constituir um óptimo exemplo de rigor, objectividade, síntese e saber intrínseco de quem participou (na CEI) no estímulo à criação dos outros, inclusive organizando antologias. Abrangendo desde Maia Ferreira a Ruy Duarte de Carvalho, só não dá conta dos textos revelados nos últimos 20 anos. Antecedendo os livros de M. Ferreira e R. Hamilton, alarga bastante a temática e a perspectiva restritivas de Mário de Andrade. Uma visão de dentro, num panorama abrangente e sintético, da literatura angolana.

FERREIRA, Manuel – *No reino de Caliban*, Lisboa, Seara Nova e Plátano, 1975, 1976 e 1985, 3 vols., 328 + 488 + 517 pp.

O autor foi o mais profícuo investigador e publicista das literaturas africanas em questão. Os três volumes calibanescos, fruto sobretudo de um longo trabalho de pesquisa anterior ao 25 de Abril de 1974, reúnem um manancial de poetas e textos dos cinco países, sob uma perspectiva muito alargada, pondo à disposição dos investigadores e do público em geral dados biobibliográficos, iconografia e introduções aos movimentos e revistas. As considerações do estudo introdutório seriam, depois, retomadas nos ensaios (transformadas, aumentadas). Mesmo após o aparecimento dos dois volumes de Hamilton, mantém-se uma trilogia imprescindível a uma visão panorâmica e esclarecedora da poesia relativa aos cinco países. Os seus limites encontram-se precisamente no confronto com a sua antologia de 50 poetas africanos, mais selectiva.

FERREIRA, Manuel – *A aventura crioula*, 3.^a ed., rev., Lisboa, Plátano, 1985, 380 pp.

Disse Baltasar Lopes que este livro podia ser a tese de doutoramento do autor. De facto, constitui como que um tratado sobre a cabo-ver-

dianidade, ou seja, os fundamentos e as características da cultura cabo-verdiana. Este livro, onde a literatura tem um lugar importante, pode mesmo considerar-se um esboço de história da literatura do país crioulo, sem dúvida a primeira tentativa da sua explanação e explicação. M. F., antes da independência, não hesitou em exaltar o movimento da *Claridade* como fundador da cabo-verdianidade, situando a criouldade cabo-verdiana no mundo como um processo e um resultado verdadeiramente originais.

FERREIRA, Manuel – *Literatura africana de expressão portuguesa*, 2.^a ed., Lisboa, ICALP, 1987, 2 vols., 142 + 152 pp.

Dois pequenos volumes, todavia panorâmicos e enumerativos, da col. Biblioteca Breve, de introdução às literaturas, que procuram ser exaustivos, tocando todos os países, géneros e principais autores e obras.

FERREIRA, Manuel (org.) – *Literaturas africanas de língua portuguesa*, Lisboa, Gulbenkian, 1987, 237 pp.

Volume de actas de um colóquio organizado pela Fundação Gulbenkian (em 1985), que reuniu uma parte dos que, em Portugal, trabalham no assunto. Três estudos dedicados a Pepetela, dois a Honwana e, entre outros, quatro à oratura, um dos quais (sobre a História entre um povo Herero) completamente deslocado do tema do colóquio. Outros escritores abordados: Baltasar Lopes, Knopfli, Grabato Dias, Gabriel Mariano e Luandino.

FERREIRA, Manuel – *50 poetas africanos*, Lisboa, Plátano, 1989, 483 pp.

Devemos tomar esta antologia, mais o volume de ensaios, a história das literaturas e o dicionário (estes dois a sair em breve), como um der-

radeiro legado em que se pode verificar o crivo do autor quanto à representatividade dos poetas. Limitado pelas condições editoriais, o autor optou por 50 poetas dos cinco países, alijando os que lhe pareceram menos importantes e os que, em relação aos volumes de *No reino de Caliban*, julgou decididamente como não genuínos africanos.

FERREIRA, Manuel – *O discurso no percurso africano – I*, Lisboa, Plátano, 1990, 378 pp.

Este volume de recolha de ensaios, de que resta conhecer o segundo, mais as histórias das literaturas africanas e o dicionário ficam como o repositório mais significativo, juntamente com *A aventura crioula*, do que o autor pesquisou, pensou e deu a conhecer sobre a matéria. Discute o negrismo e outros movimentos e conceitos próximos, teoriza sobre o mito hesperitano na literatura cabo-verdiana, sobre a literatura colonial ou as condições de pertença às literaturas africanas e apresenta uma visão descomplexada, abrangente e optimista sobre a língua portuguesa nos espaços em que é usada. Tal como o título indicia, podem descobrir-se as questões fundamentais da história das literaturas africanas (e encontrar respostas), seguindo o percurso da própria descoberta africana do autor.

FERREIRA, Manuel – *História das literaturas africanas de língua portuguesa* (a sair).

Abrimos esta excepção para um inédito com mais de mil páginas dactilografadas. Pode considerar-se o testamento heurístico do autor, que se sustenta na retoma, reformulação e ampliação de todas as suas propostas anteriores, focando todos os temas, problemas e períodos das cinco literaturas. Assim, restringe o *corpus* da poesia relativamente aos volumes de *No reino de Caliban*, mas toma em consideração,

neste amplo bosquejo histórico, todos os autores que possam esclarecer as ambivalências literárias luso-africanas e melhor explicar os fundamentos de uma africanidade não demasiado restritiva, ao mesmo tempo que privilegia o critério de explicitude textual da africanidade, do empenhamento ideológico e, além disso, do percurso biográfico. Por outro lado, realça decisivamente os movimentos fundacionais da inovação nacionalista (*Claridade, Mensagem, CEI, Cultura, Msaho, Raízes, Charrua, etc.*), deles fazendo emergir, com mais clareza, os criadores considerados na sua individualidade (Soromenho, Luandino, Craveirinha, Orlando Mendes, Baltasar Lopes, etc.). Em relação à obra de Hamilton, a autores e realizações como *Caliban, Knopfli, Mestre ou Troni*, destina-lhes um lugar mais conforme com o seu labor.

HAMILTON, Russel – *Literatura africana, literatura necessária*, Lisboa, Ed. 70, 1981 e 1984, 2 vols., 246 + 295 pp.

É o primeiro esboço de uma história da literatura, antecedido por uma versão mais reduzida e redutora, em inglês, *Voices from an Empire*. Abarca todos os países, procurando registar os seus momentos, movimentos, escritores e textos mais importantes. Uma visão nacionalista, por vezes restritiva, de cunho ideológico (algo negróide), biográfico e militante, leva-o a desconsiderar marcos de referência como os de Knopfli e *Caliban*, Alfredo Troni, Edições Imbondeiro ou David Mestre, subalternizando-os nos respectivos contextos (decerto, num ou noutra caso, como Imbondeiro, por desconhecimento). Privilegia a posição dos escritores *engagés* e os aspectos étnicos, castiços, ideológicos, políticos e históricos mais explícitos dos textos. Não deixa de ser, todavia, a primeira e incontornável visão de conjunto dessas literaturas.

LABAN, Michel – *Angola, encontro com escritores, e Cabo Verde, encontro com escritores*, Porto, Fundação Eng.º António de Almeida, 1991 e 1992, 2 + 2 vols., 962 + 818 pp.

Entrevistas a escritores: testemunhos imprescindíveis para se poderem compreender muitos aspectos das literaturas em questão (contextos, histórias, biografias, motivações, carências, etc.). Num período como este, não pós-ecdótico, de uma heurística e hermenêutica basilares, os testemunhos são fundamentais, como meio primário (não básico, nem decisivo) de lançar apoios para uma melhor compreensão genética e fornecer dados à historiografia. Laban deixa falar os escritores. Outros poderão, a partir daí, estabelecer conexões, confrontos e conclusões parciais para as suas próprias investigações e teorias.

MARGARIDO, Alfredo – *Estudos sobre a literatura das nações africanas de língua portuguesa*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1980, 559 pp.

Esta recolha de textos dispersos, de proveniência e funções diversas (Portugal, França, jornal, revista, opúsculo, prefácio, etc.), escritos, na maior parte, entre meados dos anos 50 e 60, tem, por isso, um valor histórico. Mas a sua importância não se esgota ao transmitir-nos a visão empenhada de um militante da CEI (ver o seu depoimento nesta revista), marcada pela análise ideológica, sociológica e económica da literatura. Sendo um dos três históricos dos estudos de literaturas africanas, em projecção e consequências, continua a não se poder evitar a sua pertinência e acutilância. Desconte-se um reducionismo do método e do *corpus* que elege e verifique-se a adequação das suas «Teorias e epistemologias» (215 pp.) à actualidade.

MATA, Inocência – *Pelos trilhos da literatura africana em língua portuguesa*, Pontevedra/Braga, Cadernos do Povo, 1992, 96 pp.; *Emergência e existência de uma literatura. O caso santomense*, Linda-a-Velha, ALAC, 1993, 246 pp.

Duas obras de uma ensaísta são-tomense que viveu muito tempo em Angola. Para se abordar a literatura colonial (são-tomense e guineense) e a sua conceituação é necessário apreciar os contributos desta investigadora, nestes dois livros e em *Literaturas africanas de expressão portuguesa* (Lisboa, Universidade Aberta, 1995), e confrontá-los com os de M. Ferreira e S. Trigo. No volume mais recente, retirado da sua dissertação de mestrado, a A. reflecte sobre os conceitos de literatura colonial e intervalaridade literária (a confrontar com a tese de doutoramento de Cândido Beirante), reanalisa o lugar da narrativa na literatura são-tomense e estuda o modo como o referencial do mundo insular é textualizado pelos diversos escritores, coloniais ou nacionais.

MENDONÇA, Fátima – *Literatura moçambicana – a história e os escritos*, Maputo, Univ. Eduardo Mondlane, 1989, 119 pp.

Decorrente da actividade universitária da A., corresponde, em Moçambique, ao livro de Ervedosa sobre Angola. Tem a mesma função de, pela primeira vez, sistematizar conhecimentos, estabelecer periodizações (o de Ervedosa marcado pela visão por décadas) e eleger autores considerados preferenciais. Tal como Ervedosa, Andrade, Margarido e Ferreira, nas respectivas dimensões, vivenciou o percurso da literatura moçambicana, nos últimos 25 anos, como que *por dentro*. Tal como eles, também organizou uma antologia que contribui, com este livro, para reorientar a nossa perspectiva e a própria representatividade da literatura moçambicana. Fulcrais, entre outros, os estudos sobre a periodização, Rui de Noronha e Orlando Mendes.

MOSER, Gerald & Manuel Ferreira – *Bibliografia das literaturas africanas de expressão portuguesa*, Lisboa, IN-CM, 1983, 405 pp.

Trata-se da terceira bibliografia, na esteira das de Amândio César e Mário António F. de Oliveira (1968) e do próprio G. Moser (1970), ambas pouco opulentas. Instrumento de trabalho incontornável, tem, pelo menos, uma edição em inglês, o que lhe permite um alcance indesmentível. Arrola textos literários, críticos e ensaísticos, revistas e outras publicações (com enumeração dos colaboradores) e inclui ainda notas biográficas.

PORTUGAL, F. Salinas – *Rosto negro. O contexto das literaturas africanas*, Santiago de Compostela, Laiovento, 1994, 136 pp.

Escrito a pensar na Galiza, propõe-se como introdução (pré-textual) ao tema das literaturas africanas em geral, mas com inflexões específicas nas de língua portuguesa, situando-as no seu contexto genético, institucional, ideológico e político. Trata-se de uma aguda e sintética reflexão teórica sobre os fundamentos, o estatuto e o lugar que ocupam essas literaturas escritas, emergentes de um processo colonial.

SANTILLI, Maria Aparecida – *Africanidade – contornos literários*, São Paulo, Ática, 1985, 111 pp.

Livro que recolhe alguns ensaios desta precursora dos estudos literários africanos no Brasil. Debruçando-se maioritariamente sobre Angola, com incursões em Cabo Verde, trata, entre outros temas mais localizados, da africanidade e da identidade nacional (ou seja, a especificidade desses discursos), sem olvidar os laços com as literaturas portuguesa e brasileira, desta recolhendo os ecos nas africanas.

TRIGO, Salvato – *Ensaio de literatura comparada afro-luso-brasileira*, Lisboa, Vega, s.d. (1976), 159 pp.

As literaturas que se comparam são as africanas, a brasileira e a francesa, e quase nada a portuguesa (desta, só a colonial), ao contrário do que o título parece indicar. Aqui se defende a necessidade de uma *arqueologia e uma antropologia literárias*, se estudam tópicos como a escola e a prisão e autores como Uanhenga Xitu, Tenreiro, Luandino, além do conceito de alteridade aplicado às literaturas africanas.

VEIGA, Manuel – *A sementeira*, Linda-a-Velha, ALAC, 1994, 402 pp.

Recolha da maior parte dos textos ensaísticos do A. sobre a cultura, a língua e a literatura cabo-verdianas. Embora a temática literária não seja exclusiva, é óbvio, no seu caso, que a reflexão linguística é inseparável daquela, atendendo a que se trata do mais empenhado defensor do crioulo como língua cabo-verdiana preferencial. O A. dedica especial atenção ao «primeiro romance cabo-verdiano», a romances de Romano, Teixeira de Sousa e Arménio Vieira, além de dilucidar o que entende por «nacionalismo, continentalidade e universalidade» na literatura do seu país.

Resolvemos acrescentar à bibliografia selectiva outros livros de ensaística (exceptuando antologias), entre muitos resultantes de teses ou também de recolha de trabalhos dispersos, que assim aqui ficam exarados, sem carácter de exaustividade, mas demonstrando, desde já, a expansão desta especialidade: Maria Luísa Baptista, *Vertentes da insularidade na novelística de Manuel Lopes* (1994); Donald Burness, *Six Writers from Angola, Mozambique and Cape Verde* (1977); Patrick Chabal, *Vozes moçambicanas* (1994); J. A. S. Lopito Feijó K., *Meditando; textos sobre literatura* (1994); Roberto Francavilla, *Viaggio nella letteratura capoverdiana* (1994); Aldónio Gomes & Fernanda

Cavacas, *Literatura na Guiné-Bissau* (1992); Luís Kandjimbo, *Apuros de vigília* (s.d.); Pires Laranjeira, *Literatura calibanesca* (1985), *De letra em riste. Identidade, autonomia e outras questões na literatura de Angola, Cabo Verde, Moçambique e S. Tomé e Príncipe* (1992) e *Literaturas africanas de expressão portuguesa* (1995); Ana Mafalda Leite, *A poética de José Craveirinha* (1985) e *A modalização épica nas literaturas africanas* (1995); Eugénio Lisboa, *Crónica dos anos da peste (1973-75)*; Jorge Macedo, *Poéticas na literatura angolana* (s.d.) e *Literatura angolana e texto literário* (1989); Ana Maria Martinho, *Contos de África escritos por mulheres* (1994); David Mestre, *Nem tudo é poesia* (1989); Gerald Moser, *Essays in Portuguese-African Literature* (1969); Fernando Mourão, *A sociedade angolana através da literatura* (1978); Navas-Toríbio, *Perfis ilhéus. Vozes e porta-vozes no cenáculo caboverdiano* (1989); Mário António F. de Oliveira, *Reler África* (1990); Carlos Pacheco, *José da Silva Maia Ferreira. O homem e a sua época* (1990) e *José da Silva Maia Ferreira. Novas achegas para a sua biografia* (1992); Helena Riaúzova, *Dez anos de literatura angolana* (1987); Lourenço do Rosário, *A narrativa africana* (1989); Elsa Rodrigues dos Santos, *As máscaras poéticas de Jorge Barbosa e a mundividência cabo-verdiana* (1989); Salvato Trigo, *A poética da «geração da Mensagem»* (1979) e *Luandino Vieira, o logoteta* (1981); José Carlos Venâncio, *Uma perspectiva etnológica da literatura angolana* (1987), *Literatura e poder na África lusófona* (1992) e *Literatura vs sociedade* (1994).

Finalmente, não podíamos esquecer também a referência a autores de teses de doutoramento e mestrado (algumas já publicadas e referidas nesta revista e outras não), defendidas em Portugal, Brasil, França, Suíça ou noutros países: Cândido Beirante, Alberto Carvalho, Ana Costa, António Cândido Franco, Fernanda Cavacas, Simone Caputo Gomes, Virgínia Gonçalves, Pires Laranjeira, Ana Mafalda Leite, Manuel dos Santos Lima, Elisalva Madruga, Inocência Mata, Gramiro de Matos, Hilário Matusse, Luzia G. do Nascimento, Mário António F. de Oliveira, Maria Cristina Pacheco, Laura Padilha, F. Salinas Portugal, Lourenço do Rosário, Elsa Rodrigues dos Santos, Manoel de Souza e Silva, etc. (P. L.)

2. Revistas em revista

Há duas espécies de revistas nesta listagem: as africanas que marcaram decisivamente essas literaturas, por serem órgãos de um movimento ou por albergarem, em momentos especiais, a produção dos escritores; as que, por serem publicações dedicadas à investigação e divulgação de literatura, prestaram à dos PALOP um serviço indelével, quer através de uma continuada atenção, quer de números temáticos.

De entre as revistas não contempladas nesta bibliografia, reduzida a um elenco de vinte, por óbvias constringências editoriais, registem-se as brasileiras *África* (do Centro de Estudos Africanos/Univ. de São Paulo) ou *Estudos Portugueses e Africanos* (da Univ. de Campinas), que têm dedicado a sua atenção também às literaturas africanas. Não se deve esquecer o espaço posto à disposição da abordagem dessas literaturas por publicações como, entre outras, a *Revista Internacional de Estudos Africanos* (de Jill Dias) ou a *Revista Internacional de Língua Portuguesa* (da Associação das Univ. de Língua Portuguesa), para além, claro, de uma ou outra revista dos estabelecimentos de ensino superior, tanto em Portugal como em variadíssimos países.

ÁFRICA (1976-86), 14 números, Lisboa.

Revista de literatura, arte e cultura sobre os PALOP, editada e dirigida por Manuel Ferreira. Pelo conteúdo e a qualidade gráfica, foi a melhor revista do género que se publicou em Portugal e uma das melhores do mundo. Entre muito outro material diversificado, constituíram pontos altos a publicação de 10 poemas inéditos de Marcelo da Veiga e o número dedicado a Agostinho Neto, além de artigos importantes sobre a recepção das literaturas africanas nos, então chamados, países de Leste. Aí publicou a maior parte dos que escreveram sobre as literaturas africanas em português.

CALIBAN (1971-72), 4 números, Lourenço Marques (Maputo).

Cadernos dirigidos por João Pedro Grabato Dias (o português António Quadros, poeta e pintor) e Rui Knopfli, que chegaram ao 3.º número, duplo. Voltados para uma universalidade que não descurava os temas e problemas locais, divulgaram poetas portugueses (Sena, Assis Pacheco, João Rui de Sousa, Ramos Rosa, Herberto Helder) e moçambicanos (Rui Nogar, Sebastião Alba, Knopfli, Fonseca Amaral, Jorge Viegas, Orlando Mendes, Craveirinha, etc.), mas também Eliot, Marianne Moore e Zbigniew Herbert. Na sequência do Neo-realismo, da Negritude e da Resistência, constituíram uma opção diferenciada, não insensível à moçambicanidade, mas também não obsessivamente vinculados. O texto de Knopfli sobre o seu «mestre» Fonseca Amaral foi elucidativo sobre as preferências literárias daquele.

CERTEZA (1944), 2 números, Mindelo (Cabo Verde).

Revista que, através de Manuel Ferreira, seu mentor, introduziu o Neo-realismo em Cabo Verde. Colaboração de Arnaldo França, Filinto Elísio de Menezes, António Nunes, Nuno Miranda, Teixeira de Sousa, Orlanda Amarílis. O terceiro número não chegou a sair, destruído na tipografia pelo poder governativo.

CHARRUA (1983-86), 8 números, Maputo.

Revista literária promovida por jovens, no âmbito da Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO), em que avultaram as revelações de Hélder Muteia, Pedro Chissano, Juvenal Bucuane e, sobretudo, Ungulani Ba Ka Khosa, entre outros, a par de consagrados (Craveirinha, Orlando Mendes). A crítica e o ensaísmo não lograram a renovação

(que aconteceu nas páginas dos jornais e na revista noticiosa *Tempo*), mas a revista serviu como balão de ensaio e sobretudo meio de divulgação dos novos tentames.

CLARIDADE (1936-1960), 9 números, Mindelo, Cabo Verde.

Renovou a concepção de cultura e a literatura, a partir de São Vicente, tendo como figuras de proa Baltasar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes. No frontispício do 1.º número, publicou uma *finaçom* (cantiga de batuque), dando o mote das suas preocupações crioulas, populares e nacionalistas, que se traduziram, ao modo romântico, no ensaísmo etnográfico e linguístico, na pesquisa das tradições afro-europeias, na assunção da narrativa de tradição realista e de uma poesia moderna, versilibrista, baseada no substrato cultural cabo-verdiano. Nela saiu, em 1947, o primeiro trecho do romance *Chiquinho*.

COLÓQUIO/LETRAS, 21 (1974), 39 (1977) e 110-111 (1989), Lisboa.

Dedica umas secções regulares de recensões às literaturas africanas, além de esporádicos artigos. No n.º 21, registem-se os primeiros testemunhos importantes sobre o futuro da língua portuguesa nos novos estados africanos. No n.º 39, quase inteiramente dedicado às literaturas africanas, há poemas de vários autores e, entre outros, artigos de Fernando Martinho sobre o tema da esperança, de M. Ferreira sobre o orgulho de ser preto, e de Alexandre P. Torres sobre Castro Soromenho. No n.º 110-111, em que Moçambique tem a preponderância, anotem-se as crónicas de Knopfli e Lisboa, além de poemas deles e de outros, textos inéditos de Jorge Barbosa, João Lopes e Eugénio Tavares e um artigo de Perpétua Gonçalves sobre a situação linguística no país do Índico.

CULTURA (II) (1957-60), 12 números, Luanda.

Sucedeu à *Mensagem* angolana e, tal como ela, foi proibida. Saíram 12 números completos e três para manter o título. Pertença da Sociedade Cultural de Angola, distingue-se da primeira série pela nítida procura da nacionalidade, todavia apresentando-se como aberta a variados quadrantes. Colaboraram escritores em início de carreira, como José Luandino Vieira, António Cardoso, Arnaldo Santos, Henrique Abranches, Tomás Jorge, Henrique Guerra, João Abel ou Mário António. Continuada da *Mensagem*, procurou alargar os fundamentos do seu empenho e alcance, sintonizando com a CEI, na fase mais activa desta, se bem que, por vezes, nalguns textos (de Mário António e Cardoso) se duvidasse da real valia e extensão do movimento cultural em marcha. Constituiu o suporte para a ultrapassagem do Neo-realismo e da Negritude.

FRAGMENTOS (1987-), Praia (Cabo Verde).

Revista cultural e literária do Movimento Pró-Cultura, fundada por José Luís Hopffer Almada, tem procurado suprir o desaparecimento de *Raízes*, mas aproveitando o caminho aberto por *Ponto & Vírgula*, apresentando-se, por isso, menos monolítica e academizante e graficamente jovem. Assenta na colaboração de novos valores como o director, Osvaldo Osório, Vadinho Velhinho, etc., ou retomando veteranos como Mário Fonseca, T. T. Tiofe ou Arnaldo França, num eclectismo dirigido a um público cômico da complementaridade da tradição e da modernidade.

ITINERÁRIO (1941-55), 142 números, Lourenço Marques (Maputo)

Revista mensal em que colaboraram sobretudo moçambicanos, portugueses e angolanos, servindo fundamentalmente como lugar eclético

de divulgação. Ao contrário de outros órgãos de comunicação, não foi tribuna de uma geração ou movimento, mas pólo aglutinador de diversos empenhos. Desse ponto de vista, aberto e plural, acabou por se tornar importante para a moçambicanidade, a partir de 1947, através dos contributos de alguns dos principais escritores (Craveirinha, Mendes, Noémia, Nogar, Knopfli).

LAVRA & OFICINA (1976-85), 53 números, Luanda.

Começou como suplemento literário de jornal e passou a gazeta da União dos Escritores Angolanos (UEA), tendo tido muitas edições de números múltiplos. Marcada pelo pendor militante, nacionalista e patriótico da pós-independência, dedicou-se principalmente à divulgação dos escritores angolanos. Procedeu a inquéritos sobre a sua actividade e hábitos de escrita. Editou também, entre outros, números temáticos dedicados à literatura para a infância e juventude, aos escritores da zona afro-asiática e a Agostinho Neto.

LETRAS DE HOJE, 80 (1990), Porto Alegre (Brasil).

Revista da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, centra-se no estudo da literatura portuguesa. Este número especial versou também autores e temas como Agostinho Neto (por Maria Aparecida Santilli), a angolanidade de Boaventura Cardoso (Benjamin Abdala Junior), Luandino Vieira (José Ornelas), Uanhenga Xitu (Maria Luísa Remédios), Ungulani Ba Ka Khosa (Zenilda Grawunder) ou Pepetela (Ivo Bender).

MENSAGEM (1951-52), 4 números, Luanda.

Órgão da ANANGOLA, que corporizava os interesses nacionalistas, incluindo o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA), e se propunha desenvolver a cultura em Angola (literatura, artes, ciências, etc.), também através de um ambicioso plano de alfabetização. Possibilitou a convergência do nacionalismo com o Neo-realismo e a Negritude. A censura apenas permitiu duas edições, uma delas com um número triplo. Sobressaem as colaborações poéticas dos angolanos Agostinho Neto, Viriato da Cruz, António Jacinto e Mário António, entre outros, e da moçambicana Noémia de Sousa. Um texto de Mário de Andrade sobre o quimbundo exemplifica o desejo de votação à pesquisa do mosaico etno-linguístico e cultural de Angola. Prepara-se, finalmente, uma reedição.

MENSAGEM (1948-1964), c. de 36 números, Lisboa.

Orgão da CEI, designada sucessivamente como circular, boletim e revista, de saída intermitente. Aí colaboraram dezenas de escritores das várias colónias e dos mais importantes, muitas vezes usando pseudónimos, com textos literários, críticas e ensaios. Marcaram a viragem dos anos 50 para os de 60 os ensaios de Margarido. A publicação contribuiu decisivamente para o espírito de grupo dos africanos e para que os debutantes pudessem exercitar potencialidades e exprimir posições. Indispensável ao conhecimento da africanidade, nacionalismo e práticas culturais dos africanos (na Europa e África) nos anos de formação e viragem.

NOTRE LIBRAIRIE, 112, 113 e 115 (1993), Paris.

Estes três números sobre as literaturas de todos os PALOP servem como óptima introdução à matéria. Incluem panoramas elucidativos,

artigos falando de temas imprescindíveis (*Claridade*, literatura tradicional, Pepetela, Agostinho Neto, Luandino Vieira, Baltasar Lopes, Manuel Ferreira, a guerrilha, etc.), entrevistas (a Baltasar Lopes, Germano de Almeida, Mia Couto, etc.), bibliografias activas muito completas e notas de leitura desenvolvidas, focando livros considerados obrigatórios, como os de Ferreira, Hamilton e outros.

PARALELO 20, (1957-61), Beira.

Dedicada, primeiro, à cultura e arte, mas também à divulgação científica, passou, depois, sobretudo a partir do n.º 7, até ao último (n.º 10-11), quase exclusivamente à literatura e arte. Congregou colaborações de portugueses e africanos tão diversos como Craveirinha, Eugénio Lisboa, Virgílio de Lemos, Carlos Alberto Lança, Daniel de Sousa, Fernando Couto, Rui Knopfli ou Manuel Ferreira, todavia, em geral, provenientes do Neo-realismo, do nacionalismo independentista ou, pelo menos, com uma visão de mundo e uma cultura anti-conservadora.

PONTO & VÍRGULA (1983-87), 17 números, Mindelo, Cabo Verde.

Surgiu investida de uma vocação jovem e renovadora, por contraponto com o peso institucional de *Raízes*, mas nela colaboraram escritores, artistas e intelectuais de todas as tendências. Liderada por Leão Lopes e Germano de Almeida, alcançou o estatuto de órgão cultural independente e crítico quando se manifestou abertamente contra fuzilamentos na Guiné-Bissau. Além disso, demonstrou uma verdadeira abertura a quadrantes culturais e de intervenção nem sempre contemplados em revistas similares: a ecologia, os festivais de juventude, a história da purgueira, etc.

RAÍZES (1977-81), 27 números, Praia.

Dirigida por Arnaldo França, que estivera ligado à *Certeza* (1944), pode dizer-se que, nessa linha de continuidade, apareceu na pós-independência como a grande revista de Cabo Verde, durante algum tempo e 27 números, alguns deles múltiplos. Acolheu ensaios de grande fôlego e importância (sirvam de exemplos o de Dulce Almada Duarte, com 45 páginas, sobre a problemática das línguas nacionais, e o de Mário de Andrade sobre literatura africana e consciência nacional). Divulgou novos poetas e prosadores (Vera Duarte, Jorge Tolentino, etc.) ou textos provenientes das gavetas (de Timóteo Tio Tiofe e Mário Fonseca a Corsino Fortes).

RESEARCH IN AFRICAN LITERATURES, vol. 13, n.º 3 (1982), Austin, Texas.

Número especial, organizado por Gerard Moser e dedicado às literaturas dos PALOP. Inclui trabalhos, além de notas de leitura, de Manuel dos Santos Lima (sobre o exílio dos escritores), Russel Hamilton (nacionalismo e literatura angolana), Donald Burness (literatura e etnografia), Norman Araújo e Fernando J. B. Martinho (ambos sobre poesia cabo-verdiana), entre outros, dois deles focando a herança africana no Brasil.

TCHOLONA (1994-), Bissau.

Surgiu como órgão do Grupo de Expressão Cultural (GREC), que agrega, entre outros, Abdulai Silá, António Soares Lopes, Carlos Vaz, Leopoldo Amado e a brasileira Moema Parente Augel, para promoção e divulgação das letras, artes e outras formas de cultura. Ao contrário da revista *Soronda*, centrada na sociologia, economia, antropologia e

história, *Tcholona* dá primazia às letras e artes, destacando-se, nos dois primeiros números, de Leopoldo Amado, um panorama das letras guineenses (despreconceituado, abrangente), dois textos sobre o livro de Domingas Samy, o «primeiro de ficção no país», além de poemas, artigos sobre a oratura, música ou fotografia.

VÉRTICE, 55 (1993), Lisboa.

Número especial, com um trecho inédito da *História das literaturas africanas*, de Manuel Ferreira (ver, nesta *Discursos*, um outro trecho inédito), um conto de Orlanda Amarílis e outros textos, entre os quais os de Alberto Carvalho (sobre historiografia da literatura angolana), Inocência Mata (São Tomé e Príncipe), Ana Mafalda Leite (Mia Couto, Knopfli, Craveirinha), Arnaldo França (com um «Panorama da literatura cabo-verdiana», homónimo e complementar do saído em *Notre Librairie*), Carlos Pacheco (leitura pública em Angola, no séc. XIX), Paula Tavares (Pepetela), Fernando Martinho (também sobre Pepetela), Ana de Santana e outros.

Doutorado em Literaturas Africanas, Pires Laranjeira é professor auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É autor de *Antologia da poesia pré-angolana* (1976), *Literatura calibanesca* (1985), *De letra em riste. Identidade, autonomia e outras questões na literatura de Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe* (1992) e de *Literaturas africanas de expressão portuguesa* (1995).